

PMDB e PFL mantêm troca de insultos

Ailton C. Freitas



"Não negamos o descortínio político dos primeiros homens que romperam com o Regime. Agora, querer dar maior importância ao adereço do que à obra é muita pretensão". Essa foi a resposta do presidente em exercício do PMDB, Galvão Augusto Domingos, para refutar afirmação de Osório Adriano, presidente do PFL local, de que teria sido o seu partido que "tornou viável a guinada política em direção à democracia no Brasil".

Segundo Galvão Domingos, o PMDB tem a necessária visão política de que, no processo da candidatura Tancredo Neves à presidência, era necessária a formação de uma aliança. "Mas nem por isso deixamos de ressaltar que ela só foi possível porque, à frente do processo, tinha um partido forte (o (PMDB) e um grande estadista (Tancredo)".

Quanto à acusação de Adriano de que o presidente do PMDB, Milton Seligman, não passava de "um tecnocrata, que serviu a vários Governos anteriores", Domingos diz que ele não precisa de advogado, pois, residindo há quase 10 anos em Brasília, já conquistou, por competência, o seu espaço político. "A tecnocracia exercida foi no movimento pró-anistia, na campanha pelas diretas e na luta pela legalidade da UNE".

"Atribuo a acusação feita ao Seligman à falta de vivência po-

Galvão: muita pretensão

lítico-partidária, visto ser o PFL um partido tão novo e com um presidente que começou a militância política a partir de sua criação", acrescenta.

Referindo-se às constantes críticas do PFL à administração de José Aparecido, Domingos afirma que causou estranheza ao PMDB o fato do PFL "querer ser situação ao ocupar cargos e fazer oposição na campanha". Para ele o PMDB está convicto de que é situação e lhe cabe defender o Governo dos ataques de outros partidos. "Partidos estes que são os grandes responsáveis pelo caos maior da situação do País".